

“Nova Escola” é uma preciosidade para bibliófilos, historiadores, pedagogos, calígrafos, designers e

UM CAPIXABA QUE FEZ ESCOLA

MANOEL DE ANDRADE DE FIGUEIREDO LANÇOU EM 1722 OBRA IMPORTANTE DE PEDAGOGIA EM PORTUGAL

A Fundação Biblioteca Nacional detém um belo conjunto de documentos e obras raras que pertenceu à Real Biblioteca portuguesa, magnífico acervo de mais de 70 mil títulos reunidos por D. João I e seus antecessores: D. Duarte, D. Afonso V e D. João V. Para este, a Biblioteca Régia valia mais que todo o ouro – que não foi pouco – recebido do Brasil.

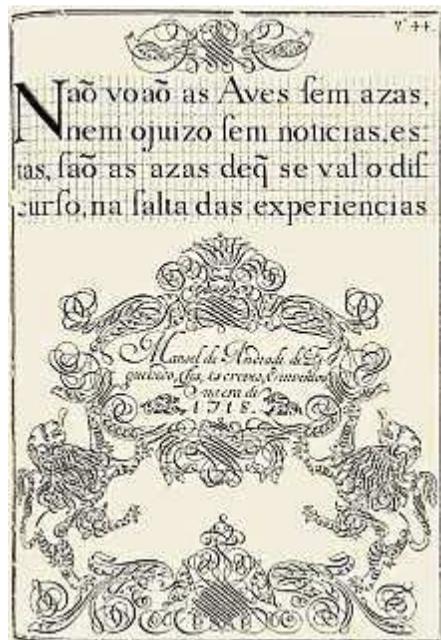
Esse conjunto de obras veio para o Brasil em 1808, acompanhando a família real, tendo inclusive ficado ao relento nos portos de Lisboa e Rio antes de ser definitivamente acomodado na FBN. Corremos o risco de perdê-lo: o acervo constou da lista dos objetos que Portugal teria direito de reclamar ao Brasil com a volta da família real. Para que ficasse aqui o país pagou alta indenização à Corte portuguesa.

Entre os títulos que compunham esse acervo estava um exemplar de “Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar”, cujo autor é o capixaba de nascimento Manoel de Andrade de Figueiredo. Desse livro a FBN lançou uma edição

fac-similar em 2010, como contribuição à formação de uma História das Ideias no Brasil. Uma edição fac-similar fora lançada em 1973 pela Livraria Sam Carlos, de Lisboa; outra, em 2008, pela Academia Espírito-santense de Letras. Os três originais existentes no Brasil são os exemplares da FBN e do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio, e o da Biblioteca do Seminário Caraça, em Minas.

O lançamento da primeira edição em 1722 coincide com um período de avanço das artes gráficas em Portugal (nela aparece aquela que seria considerada a “letra caligráfica portuguesa”, apesar da precedência - 1590 - da “letra portuguesa” de Manoel Barata). A obra alcança sucesso, influenciaria outras (“Nova arte de escrever”, 1793, e “Regras metódicas”, 1803) e permaneceria em uso mesmo após a reforma de ensino promovida pelo Marquês de Pombal em 1759, o que demonstra sua importância e qualidade. Destaque-se que, após a reforma dos estudos menores em 1772, Portugal criou 479 escolas de ler, escrever e contar, 17 dessas no Brasil. Aqui, o livro deu suporte aos mestres de boa parte das escolas de primeiras letras

REPRODUÇÃO



Uma das páginas de “Nova Escola”, lançado em 1722

até o século XIX.

O retrato do autor, reproduzido de matriz em metal, mostra Andrade aos 48 anos: teria nascido em 1673. Seu pai, Antônio Mendes de Figueiredo, foi capitão-mor do Espírito Santo de 1667 a 1670, e o filho nasceu em Vitória antes que a família retornasse a Portugal, segundo o “Diccionario Bibliographico Portuguez”. Em 1673, Vitória ainda era a Vila Nova do Espírito Santo. O Palácio Anchieta sediava o Colégio dos Jesuítas e a Igreja de São Tiago. As igrejas locais eram a Capela de Santa Luzia; a Igreja da Conceição da Praia; o Mosteiro de São Francisco e a Igreja de São Gonçalo.

O porto era o Cais dos Padres, e um fortim defendia da cobiça estrangeira o governo, a população e os engenhos.

“Nova Escola” é uma preciosidade para bibliófilos, historiadores, pedagogos, calígrafos, designers e jornalistas. Tudo nele é importante: a começar pela história de um capixaba que fez escola e teve entre seus discípulos o rei D. João V, além de ter sido professor de primeiras letras e mestre de caligrafia em Lisboa. ➤ Estudou Teologia na Universida-

e jornalistas. Autor, nascido em Vitória, teve entre seus discípulos o rei D. João V

> de de Coimbra e foi ordenado padre jesuíta antes de produzir esse cânone da pedagogia portuguesa. Foi tão empenhado na disseminação do conhecimento que a ele seria justo atribuir o epíteto de humanista.

Sobre o livro

O livro traz normas pedagógicas, didáticas e metodológicas de alfabetização, ensino de português e de aritmética e se divide em quatro tratados: Sobre o ensino de leitura e escrita como se pronuncia; De Caligrafia; De Ortografia; De Aritmética. Teria sido influenciado por “Nueva arte de escribir” (1615), de Pedro Diaz Morante. Tem influências cristã, neoplatônica e estoica, visa a sistematizar métodos de ensino e, com base nos ideais reformistas setecentistas, defende a moderação dos castigos; critica o método tradicional de alfabetização; valoriza o professor e a língua pátria; e se preocupa com a capacidade de aprendizagem do aluno. Destina-se a escolas de meninos e aos adultos constrangidos por “tornarem a sogeytarse aos Mestres como meninos”. Quer dizer, é um livro também para autodidatas.

A obra é motivo de especulações, como a de que o autor poderia ser maçom ou simpatizante, pois o exercício 32 traz, no canto inferior direito, o desenho de um compasso, um dos símbolos da maçonaria. A cautela manda que se olhe o ícone sem arroubos de interpretação: as letras dispostas na página claramente exigiram o uso do compasso em sua confecção.

Ao largo de suas propostas pedagógicas, “Nova Escola”, composta e impressa na oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, é uma rara peça de design gráfico.

Destaquemos aqui seu formato, papel, letra utilizada, ilustrações, soluções gráficas e impressão.

O papel do original foi seguramente produzido com fibras longas de algodão, principal matéria-prima na época para esse fim. Como Portugal (Leiria, desde 1401, e Santa Maria da Feira, desde 1708) já tinha seus próprios moinhos, não terá sido necessário importá-lo.

As ilustrações são em sua maioria gravuras em metal, traçadas com auxílio de buril e depois usadas como matriz de impressão. As capitulares (não as das páginas de caligrafia) são xilogravuras, como também denotam ser os ornamentos das páginas compostas com tipos móveis.

O formato, 21x28 cm, provavelmente seguiu orientações do autor, para melhor dispor as páginas de exercícios caligráficos. Composto em uma coluna, o livro apresenta



Ilustração de cavaleiro traz em seu estandarte poema de Andrade

mancha gráfica predominante medindo 13,8x23,6 cm. O texto foi composto em fonte serifada, provavelmente a Garamond (criada cerca de 1530), uma fonte humanista, com características próprias, a exemplo das serifas bilaterais nas caixas-altas (como no G de EPIGRAMA, no N e no U de IN LAUDEM); terminal inferior mais alongado (ver o E em LAUDEM); e arco superior longo do “f” minúsculo, com terminação em gota. Não se usou fonte

grotesca nem nos títulos, que foram compostos em fonte serifada, quase sempre em itálico e em maiúsculas. Embora a Garamond tenha inovado fundindo minúsculas em corpos maiores para títulos (que em “Nova Escola” estão em caixa-alta), insisto que esta foi a fonte utilizada. Acredito que a letra Q capital possa dirimir as dúvidas.

“Nova Escola” é um livro sóbrio, um primor de projeto gráfico, uma bem cuidada edição do século XVIII

que assegura fluidez da leitura graças à composição (com tipos móveis) clara, legível, somada a uma entrelinha generosa e equilibrada com a bitola da coluna e ao equilíbrio entre grafismo e contragrafismo, o que mostra inequívoca vontade de cativar o leitor. Este é um livro didático que recebeu tratamento mais de edição de luxo que popular.

Uma cuidadosa equipe o fez. O designer responsável pelo projeto gráfico demonstra total familiaridade com sua área de atuação e gosto refinado; é possível que tenha sido o próprio dono da tipografia, Bernardo de Carvalho. Embora respondesse pelas impressões régias e, portanto, certamente tivesse aprendizes e um impressor, o comum é que coubesse ao profissional especializado o trabalho que exigia mais sob o aspecto intelectual. E esse trabalho é notável. A maneira como se solucionou a inserção de números, no Tratado Quarto, “Em que se Ensinaõ as Oyto especies da Arithmetica de inteyros, & quebrados,” também demonstra longa prática e sofisticação.

Os adornos estão à altura do preciosismo de Andrade: são excessivos, barrocos. Destaca-se o uso tardio do “et” latino e não do “e” (ler et escrever). As belas ligaturas não são várias: apenas o “et” e dois diferentes “st”. Como indicativo de sílaba aberta o acento grave e não o agudo (pòde, pès). O til no ditongo “ao” incide sobre a letra “o” [naõ, saybaõ].

Dos exercícios iniciais de caligrafia aos executados com pena chata, o livro traz uma profusão de belas soluções. Entre as preciosidades destaco a definição do ponto de exclamação, e dois poemas de autoria de Andrade, um deles uma redondilha maior (quintilha) reproduzida dentro do estandarte de um cavaleiro: “O exercicio e louvor das letras, / que o mundo aclama / tem na nobreza o melhor berço, / a que ilustra a fama, / por mais sagrado esplendor.” O livro faz por merecer as décimas, sonetos, encômio e epigrama que amigos e admiradores fizeram constar no início da obra. Contemplação e reflexão diante do belo trabalho de Manoel de Andrade levam-nos a repetir o que o emérito capixaba “fez, escreveu e inventou” para uma de suas páginas: “Naõ voaõ os pássaros sem azas, nem o juizo sem noticias, estas, saõ as azas de q se Val o discurso, na falta das experiencias.”

Andrade de Figueiredo: Um capixaba que “fez, escreveu e inventou” em Portugal no século XVIII

Palestra de Sandra Medeiros. Dia 2 de outubro, às 19h, na Biblioteca Pública do Espírito Santo. Av. João Batista Parra, 165, Praia do Suá, Vitória. (27) 3137-9349. Aberta ao público.